

ASSÉDIO MORAL NAS RELAÇÕES DE TRABALHO: IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS

Resumo

O assédio moral é caracterizado por condutas frias e repetitivas que têm por objetivo, desqualificar, humilhar e abalar psicologicamente um indivíduo. Com base nestes pressupostos, objetivou-se com o estudo, conhecer as consequências psicológicas causadas pelo assédio moral nas relações de trabalho. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, tendo como método de coleta de dados a entrevista semiestruturada que foi analisada pelo método de análise de conteúdo. Os resultados revelaram que o fenômeno ocasiona vivências depressivas, alterações de humor, ansiedade generalizada, baixa autoestima e angústia constante. Acarretando em um desinteresse com práticas e hábitos, no cuidado da vida e do corpo.

Palavras-chave: Relações de Trabalho; Assédio Moral; Consequências Psicológicas.

BULLYING IN LABOR RELATIONS: PSYCHOLOGICAL

Abstract

Bullying is characterized by cold and repetitive behaviors that are intended to disqualify, humiliate and undermine an individual psychologically. Based on these assumptions, the objective was to study, to know the psychological consequences caused by bullying in labor relations. This was an exploratory qualitative research, with the method of data collection was semi-structured interview and analyzed using content analysis. The results revealed that the phenomenon causes depressive experiences, mood changes, generalized anxiety, low self-esteem and constant anguish. Resulting in a detachment with practices and habits of life and care of the.

Keywords: Labor Relations; Moral harassment; Psychological consequences.

¹ Professora no Curso de Psicologia UNOESC, Chapecó e Xanxerê. (opmichele@hotmail.com)

² Graduação em Psicologia na UNOESC, Chapecó e Xanxerê. (rachelromano@gmail.com)

Introdução

A sociedade atual, pelo prisma econômico, possui uma tendência de atribuir maior valor à produção e ao lucro do que ao próprio ser humano. Em um sistema globalizado, pode surgir, uma degradação de valores constitucionalmente consagrados, como o da valorização do trabalho e o da dignidade da pessoa humana, os quais passam a dar lugar a valores puramente econômicos. Tais aspectos impõem condições de trabalho hostis e precárias, marcadas por uma violência psicológica, o assédio moral. (FERREIRA; 2010).

Segundo Hirigoyen (2010b), o assédio moral nas relações de trabalho é caracterizado por condutas abusivas, manifestadas por atos, gestos, escritos e palavras que possam trazer danos à dignidade ou a integridade física e psicológica da vítima. Trata-se de uma violência fria, verbal ou não verbal, feita de deprecição e injúrias. Que seu efeito pode degradar o ambiente de trabalho.

A atitude de reduzir o outro é causa de angústia, medo, e sofrimento. O rebaixamento repetitivo, a indiferença e o menosprezo revelam um ambiente degradado, que pode ser causa de desprazer, revolta, tristeza profunda que se manifestam como sintomas de depressão, reafirmação da inutilidade e baixa autoestima. Uma vez que o sofrimento se instala está criada a impossibilidade de ser feliz, de criar valores e normas, e de desejar existir. (BARRETO, 2003).

Hirigoyen (2010a) coloca que assim surge a desqualificação, que significa tirar de alguém todas as suas qualidades e dizer-lhe que não vale nada, até que a própria vítima acabe acreditando no mesmo. Acrescenta, que quando o assédio se estabelece, atribui-se a personalidade do sujeito algo que é consequência do conflito e se esquece do que era antes.

Barreto (2003) acrescenta ainda que, com o tempo, a dor interior domina e desfigura a própria vida, podendo transformar a atividade em sacrifício e a relação de trabalho como conflito explícito. Assim, repreensões e ironias, discriminações e rebaixamentos acabam por dominar a jornada de trabalho.

Deste modo, considera-se que o fenômeno assédio moral, causa no trabalhador danos à saúde psicológica, além de sérias consequências nas relações interpessoais e no desenvolvimento das atividades no trabalho. Neste sentido, objetivou-se com o estudo, conhecer os danos causados pela violência na saúde psíquica da vítima, e verificar como a mesma, significa o trabalho e as relações interpessoais no ambiente de trabalho em sua vida após a agressão.

Referencial teórico

Por muitos séculos o universo do trabalho tem sido o foco de estudo das pessoas de diversas formações. A razão disto talvez seja o fato de que muitos admiram e identificam-se com as lutas dos trabalhadores por melhorias nas condições de trabalho e por tratamento digno no desempenho de suas atividades. No entanto, por vezes surgem situações nas relações de trabalho que ameaçam ou violam a dignidade conquistada pelos trabalhadores. É o que ocorre com o fenômeno assédio moral. (FERREIRA, 2010).

Heloani (2003) analisa que no processo de humanização do trabalho, o assédio moral deveria levar as pessoas a refletirem sobre sua condição sistêmica, ou seja, ele não se trata de um problema individual, mais sim, envolve um conjunto de sistemas violentos e desumanos.

Deste modo, ele pode ser considerado fruto de um conjunto de fatores, tais como a globalização econômica, que visa somente à produção e o lucro e a atual organização do trabalho, marcada pela competição agressiva e pela opressão dos trabalhadores através do medo e da ameaça. (FERREIRA; 2010).

Além disto, Jacoby et al. (2009) acreditam que a hierarquia imposta pela estrutura



organizacional, à discriminação de funcionários, a baixa oferta de emprego, há má comunicação, a falta de reconhecimento e ambientes que não existem regras internas precisas, também são apontados como contextos propícios para o surgimento do assédio moral. Analisam ainda, que muitas empresas poderiam estar lançando mão do assédio moral como estratégia de gestão, sem talvez dar-se conta das consequências desta violência. Uma vez que, ela afeta não só a saúde do sujeito agredido e sua produtividade, como também, a organização de trabalho, a sociedade e o estado.

Silva (2008) acrescenta que empresas com fraca estrutura administrativa, filosófica, ideológica e ética, se utilizam de comportamentos perversos ou estimulam possíveis agressores, desprovidos de força, persuasão e controle das emoções, para conseguir traçar seus objetivos.

Barreto (2003) afirma que organizações de trabalho que estimulam ou permitam que o fenômeno aconteça, fazem com que o sujeito vitimizado, remodele à imagem tida como empresa-família, dando lugar a uma empresa que explora e escraviza, adocece e acidenta. Os trabalhadores vivem o conflito e a revolta de não terem sido suficientes para este sistema, o que pode lhes causar um grande sofrimento psíquico.

O fenômeno caracteriza-se pela intencionalidade, assim, consiste na constante e deliberada desqualificação da vítima, com o intuito de neutralizá-la em termos de poder. Este enfraquecimento psíquico pode levar o indivíduo vitimizado a uma despersonalização, onde procurasse anular a vontade daquele que, para o agressor, se apresenta como ameaça. (HELOANI 2004).

A pessoa é para isto humilhada ou maltratada, sem ter a possibilidade de entender os motivos de tal acusação. Tudo o que consegue fazer são suposições a partir dos dados em que conhece. Pode ser considerada esta confusão mental juntamente com a repetição, uma das grandes causas de sofrimento psíquico, causado pelo fenômeno. (HIRIGOYEN, 2010b).

Para desestabilizarem as vítimas, os agressores se utilizam de procedimentos ou fases. Hirigoyen (2010a) coloca que a primeira fase se constitui de um processo de sedução, durante a qual a vítima é desestabilizada e perde progressivamente a confiança em si própria. A sedução afasta a realidade e manipula as aparências, assim, torna confuso o que é próprio e o que é do outro. Salienta que pela sedução dá-se o enredamento. Esta é a dominação moral ou intelectual, ou seja, consiste em levar alguém a pensar, decidir, ou deduzir-se de maneira diferente do que teria feito espontaneamente. Retira-se da vítima seu senso crítico, eliminando assim, qualquer possibilidade de defesa.

A fase seguinte é a da violência manifesta, Silva (2008, p.98) coloca que “esta é a hora do cheque-mate, do golpe fatal.” Esta etapa segundo Hirigoyen (2010a) é feita de forma fria, de golpes sujos, de injúrias, de ameaças veladas, de olhares acusadores, de humilhação, de depreciação de tudo o que pertence ao outro. Estas atitudes têm o objetivo de manter o controle, o que importa é fazer com que a vítima pareça responsável pelo que acontece.

Hirigoyen (2010a) descreve que o desejo de ter e de exercer o poder, violenta a dignidade da vítima através da perseguição e da humilhação. Destaca que não temos reações iguais diante de uma situação de assédio moral, assim, certas pessoas por sua história ou personalidade, são menos capazes de se proteger, sofrerão mais e terão mais dificuldade em se defender.

Neste sentido, Barreto (2003) verifica que o fenômeno constitui em um grave risco à saúde psíquica da vítima, uma vez, que gera grande tensão psicológica, angústia, tristeza, ansiedade generalizada, fadiga, insônia, medo, sentimento de culpa e autovigilância, provocando desarmonização das emoções. Hirigoyen (2010b) destaca, que deve se estar atento aos estados depressivos, pois o risco de suicídio é grave.

Além destas consequências, o sujeito pode ainda ter uma dissipação dos laços afetivos.

Barreto (2003) salienta que, não encontrar apoio nas relações afetivas, acentua a depressão, predominando o sentimento de inferioridade e incapacidade. A falta reforça o sentimento de desamparo e melancolia. Verem-se afastados do convívio com os pares, caracteriza para si, a morte social. Deste modo, nota-se a importância do apoio, da ajuda e do afeto no enfrentamento do fenômeno.

Método e material

Como método de pesquisa, utilizou-se a pesquisa qualitativa, Minayo (2002) descreve que este tipo de pesquisa, trabalha com o mundo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações. Tratou-se ainda de uma pesquisa do tipo exploratória delineada pelo estudo de caso.

Os participantes da pesquisa foram três trabalhadores, que são descritos como: Sujeito 1 um indivíduo do sexo masculino, com 50 anos de idade, foi colaborador na organização em que sofreu assédio moral em um período de três anos. Sujeito 2 e Sujeito 3 são indivíduos do sexo feminino, com idade entre 38 e 40 anos, ambas trabalharam por um período aproximado de 18 anos na instituição em que foram violentadas moralmente.

Foram trabalhadores de um estabelecimento de serviços de saúde, que em seu ambiente de trabalho já sofreram assédio moral do tipo vertical descendente, ou seja, advém nas relações hierárquicas, entre o superior (agressor) e o subordinado (agredido moralmente). Verificou-se que os sujeitos foram violentados em uma mesma instituição de saúde e pelo mesmo agressor.

Os participantes da pesquisa concordaram com as condições colocadas no Termo de Autorização de Uso de Imagem (TAUI) e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa aconteceu em um município do oeste catarinense, com o auxílio do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Serviços de Saúde de Chapecó e região (SITESSCH), iniciada no dia 25 de julho de 2013 e perdurou até o dia 16 de dezembro de 2013.

Como método de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, sendo que, foi realizada em uma sala disponibilizada pelo Sindicato dos Trabalhadores de Estabelecimentos de Saúde de Chapecó e região, e logo após sua aplicação foi devidamente analisada por meio do método de análise de conteúdo.

Discussões e resultados

Para a análise dos dados obtidos na pesquisa utilizou-se o método de análise de conteúdo. Minayo (2012) coloca que, a partir de uma perspectiva qualitativa, tenta-se ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem, para atingir uma interpretação mais profunda.

Sendo ainda utilizada como técnica de análise, a técnica de análise categorial temática, assim conforme objetivos propostos na pesquisa, os temas foram categorizados pelo critério de semelhança de significado, sendo que, constituem-se em: danos à saúde psíquica; sofrimento psicológico no período de violência moral no trabalho; presença de sofrimento psíquico; significação do trabalho; e significação das relações interpessoais no ambiente de trabalho. Ao longo do processo, manteve-se a integridade das verbalizações, assim os discursos e seus sentidos são inteiramente constituídos pelos sujeitos de pesquisa.



Danos à saúde psíquica

Barreto (2003) afirma que o assédio moral constitui em um grave risco à saúde psíquica da vítima, uma vez que gera grande tensão psicológica, angústia, medo, sentimento de culpa, provocando uma desarmonização das emoções. Sujeito 1 confirma a afirmativa de Barreto ao descrever-se: “Eu era uma pessoa alegre contava piadas, parei com o sorriso, nada tinha mais graça pra mim”. A fala do Sujeito 1 indica que no período em que foi violentado, sofreu alterações de humor constantemente, isolando-se do grupo e conseqüentemente causando um abalo nas relações interpessoais no trabalho.

Ferreira (2010) corrobora com o exposto quando define que, os efeitos do fenômeno acabam atingindo a vida social e pessoal do sujeito agredido, assim, seu estado psicológico fica mais fragilizado, irritadiço, sensível ou, às vezes, agressivo. Sobre esta fragilidade Sujeito 1 pondera: “eu não sei até quando eu teria suportado. De repente eu também teria me tornado uma pessoa agressiva, ou ia assediar outras pessoas”.

Percebe-se, portanto que a humilhação repetitiva e de longa duração causa não apenas danos à saúde psicológica da vítima como também exerce influencia de modo direto em seu comportamento, nas suas relações afetivas e em sua vida em sociedade, comprometendo sua identidade e dignidade.

Para Barreto (2003) ao perderem a identidade, os sujeitos perdem ao mesmo tempo a dignidade ante o olhar do outro. Assim, a desvalorização continua em diferentes espaços sociais. Salienta ainda, que a autodesvalorização produz sentimentos de desinteresse, desapego pela vida e ruptura de valores, prazeres e práticas. Produzindo uma exaustão de energias psíquicas e criando a necessidade de isolamento do contato social.

A este respeito o depoimento do Sujeito 2 é esclarecedor: “Eu vivia sozinha aborrecida pelos cantos da casa e do trabalho, [...] sabe aquela sensação que te dá que tu tem que puxar o ar pra voltar, parece que tu tá sufocada, a única vontade que você tem é de sumir, e de larga tudo.” [...] disse ainda, “eu cheguei a me sentir uma imprestável, as palavras fizeram com que eu não me sentisse mais competente”.

As palavras utilizadas pelo agressor são ocultas e escondem mal-entendidos que fazem com que a vítima duvide sobre sua real capacidade profissional, assim, sofrem por acreditarem que são insuficientes. Segundo Barreto (2003) para muitos a vida perde o sentido, transformando a vivência em um processo produtivo de loucura.

Sujeito 1 colocou: “Eu já não era capaz de fazer algumas coisas, [...] tu acaba pensando que você já não é mais a pessoa certa [...]”. Os discursos dos sujeitos 1 e 2 aponta que, ambos reproduziram aquilo que havia sido lhe atribuído pelo seu agressor. Sentindo-se um ninguém, desvalorizados e diminuídos, desenvolveram um grande sofrimento psíquico, vivenciado por sentimentos de desamparo e tristeza profunda, acarretando por vezes, em um quadro depressivo. Fator que provocou um desinteresse no cuidado com a vida, saúde e com o próprio corpo.

Hirigoyen (2010a) descreve que quando se é vítima de uma agressão contra a qual não tem meios psíquicos para lutar, a pessoa pode perder o domínio e se sentir afastada de si mesmo. Em sua afirmação Sujeito 2 confirma a afirmativa de Hirigoyen ao expor: “Tu não tem vontade nem de se arrumar, nem de passar um batom pra sair, nem de nada, tu fica se sentindo um nada.” Sujeito 1 disse ainda: “eu já não tava me cuidando mais, muito menos cuidando da minha saúde”. Neste sentido, os sujeitos sentiram-se desqualificados e feridos, de tal modo que, sua autoestima ficou muito baixa, chegando a relatar por vezes, vivências depressivas, alterações de humor, ansiedade generalizada e angústia constante.

Sujeito 1 disse: “Eu ficava só me perguntando o que vai acontecer hoje?” Sujeito 3 acrescenta: “Quando eu ia trabalhar eu ia desanimada, muito triste, [...] me sentia deprimida

e angustiada, por que eu não conseguia nem fala com a pessoa, [...] não dava, eu ficava sempre do lado de fora das conversas.”

A recusa à comunicação e o isolamento descritos pelo Sujeito 3, tem por objetivo neutralizá-lo. Estes fatores acabam por causar na vítima um sofrimento ainda maior, pois cortando o diálogo ela fica sem entender os motivos da agressão a qual esta submetida. E ainda ao ser excluída e privada de atividades e reuniões, pôde ser lhe atribuído á incompetência e a culpa pelos serviços aos quais deveriam ser feitos.

Sofrimento psicológico no período de violência moral no trabalho

Hirigoyen (2010a) aponta que a gravidade do assédio moral, pode variar não apenas pelo tempo em que a vítima fica exposta a ele, mas pelo grau da violência com que é praticado, e também depende em grande parte da estrutura emocional de cada indivíduo.

Os sujeito 1 e 3 sofreram as consequências do fenômeno de modo similar, uma vez que, no início não davam devida importância ao fato, contudo no decorrer do processo, a agressão tornou-se constata e como uma forma de defesa, reprimiram-se e não conseguiram mais enfrentar e se defender da situação. Para Leymann apud Ferreira (2010) a vítima como uma forma de defesa, reprime-se e desenvolve um perfil que facilita ao agressor a prática de assédio e conseqüentemente de destruição psíquica.

Jacoby e et al. (2009) apontam ainda que, a atitude emocional assumida pelo indivíduo, assim como sua autoestima poderiam auxiliar no enfrentamento do fenômeno. Entretanto, os sujeitos relataram ter a autoestima baixa e sentirem-se sozinhos, pois por medo isolaram-se e reprimiam seus sentimentos, evitando falar e transparecer suas incertezas sobre o que de fato estava acontecendo e o que estavam sentido.

Em relação a estas incertezas vivenciadas no período de violência o Sujeito 3 relatou: “Em dezoito anos que eu trabalhei lá, eu nunca tinha passado por uma situação assim, ai você não entende o porquê dessa perseguição. [...] Tu fica só pensando, há o que tu ta fazendo não ta certo então”. Levando-se em consideração o discurso do Sujeito 3, Hirigoyen (2010b) verifica que o insuportável é não compreender o sentido de tudo o que aconteceu. Isso faz com que o sujeito perca progressivamente a confiança em si mesmo, e que por vezes, fica tão confuso que chega a dar razão ao agressor.

Assim, quanto mais a pessoa duvida dela própria, e quanto mais confusa estiver sobre a origem da agressão a qual está submetida, mais o trabalho de destruição psicológica será facilitado ao agressor. A esta consideração, Sujeito 1 afirma ainda: “Eu me sentia culpado e sentia que estava fazendo alguma coisa errada, [...], a princípio eu achava que era uma coisa minha, que era um problema que tava comigo e que precisava ser concertado”. O agressor fez com que o sujeito 1 se atribuísse a responsabilidade pelo que estava acontecendo dando-lhe uma imagem negativa de si mesmo, forçando a se sentir culpado e a perder sua autoconfiança.

No processo de agressão não se morre diretamente em todos os ataques, mas perde-se um pouco de si mesmo. Volta-se para casa, deprimido e humilhado, e é difícil de recuperar-se, pois os ataques repetitivos permanecem na memória, e são revividos por imagens, pensamentos e emoções intensas. (HIRIGOYEN, 2010a).

Em relação às emoções vivenciadas Sujeito 1 descreveu: “A emoção vinha à tona eu não conseguia nem ver o caminho, eu sentia que eu perdia o rumo e a estrada eu ficava emocionalmente abalado e quando eu percebia estava chorando”. A repetição das humilhações, sem entender seus sentidos e motivos e sem qualquer esforço de enfrenta-las, é que tornou o fenômeno ainda mais destruidor na vida do Sujeito 1.

Sujeito 3 corrobora com a afirmativa do Sujeito 1 e acrescenta: “Me sentia mal, não sentia



mais vontade de fazer o que eu sempre tinha feito àquilo que era fácil e gostoso de fazer, se tornou um peso um fardo.” Levando em consideração este discurso, Hirigoyen (2010a) coloca que as vítimas são paralisadas, impedidas de pensar e de sentirem-se capazes de trabalhar. Assim, a agressão repetitiva e de longa duração interfere na vida dos trabalhadores de modo direto, pois compromete sua identidade e dignidade, suas relações afetivas e sociais, e conseqüentemente causa danos na integridade psíquica da vítima.

Presença de sofrimento psíquico

O Sujeito 1 no momento da entrevista não mostrou intenso sofrimento psíquico em virtude do Assédio moral sofrido. Contudo, as lembranças revividas, apontaram um desconforto e um baixo grau de tristeza, porém muita raiva. Expôs: “eu to na expectativa de revanche, [...] sabe doeu muito e agora é preciso dar algum troco.” Barreto (2003) coloca que no que diz respeito à afetividade, os homens sentem-se revoltados, com raiva, traídos, desonrados e tem vontade de vingar-se.

Assim sendo, a expectativa de revanche, a revolta e a raiva tidas pelo Sujeito 1 podem apresentar indícios de vivências de sofrimento psíquico em virtude de não aceitar as conseqüências da violência em sua vida e da impunidade do fenômeno e agressor, tendo assim o “desejo de fazer justiça com as próprias mãos”.

O Sujeito 3 no momento da entrevista, não mostrou indícios de sofrimento psicológico, relatou procurar ajuda para enfrentar a situação, e hoje continua trabalhando no mesmo ambiente sem sofrer violência moral. Hirigoyen (2010b) coloca que há um grande alívio quando os sentimentos vivenciados pela violência podem ser verbalizados e compartilhados.

Já o Sujeito 2 descreveu não sofrer em decorrência do assédio moral, dizendo que procura não pensar e não relembrar tudo aquilo, contudo suas fortes emoções e seu choro constante no momento da entrevista revelam que por mais que tente superar e esquecer o ocorrido, ainda sofre psicologicamente as conseqüências da violência sofrida no trabalho. Além disso, havia sido afastada a exatamente um mês do trabalho e agressor por isso as vivências ainda eram recentes, descreveu: “Eu sinto muito por terem me mandado embora e por terem me deixado tão pra baixo me falando que eu não prestava mais pra nada”. A afirmação do sujeito 2 vem ao encontro a afirmativa de Hirigoyen (2010b) quando descreve que a desvalorização persiste, mesmo quando a pessoa é afastada do trabalho e do agressor, deixando marcas a longo prazo na vida da vítima.

Concluiu Sujeito 1 em relação à violência sofrida: “O que ficou foi à tristeza por que eu passei por isso e outros ainda tão passando por humilhações e sofrendo quietos e calados.” Disse ainda: “Uma coisa que eu pude perceber em todo o tempo que trabalhei na instituição, é que ela visa apenas lucro, houve uma maior humanização no ambiente, mas o pessoal continua sofrendo do mesmo jeito.”

Osório (2003) coloca que através de um mecanismo de retroalimentação a doença ou sintoma pode ser considerado institucional e não apenas de um sujeito que sofre. Entende-se através desta concepção, que o assédio moral no trabalho se torna produto de um sistema. Trombetta e Zanelli (2005) acrescentam que a violência acontece por que as organizações de trabalho permitem, dessa forma, empresas com estruturas sólidas e sadias não dão lugar para o seu surgimento.

Significação do trabalho

Bernal (2010) coloca que o trabalho é uma condição social fundamental para os indivíduos, tendo se convertido inclusive, em suas vidas e em sua existência. Pois não proporciona

apenas meios materiais para viver, mas o próprio desenvolvimento, realização profissional e a criação dos vínculos sociais.

Em relação ao trabalho, o Sujeito 3 descreve: “O trabalho é fazer o que tu gosta [...] é se sentir bem em fazer.” Percebe-se por meio deste discurso é que mesmo sofrendo assédio moral nas relações de trabalho e todas as suas consequências, incluindo o não se sentir bem em um ambiente degradado pelo fenômeno, o Sujeito 3 significa de forma positiva o trabalho e as funções que nele desempenhava, pois relatou sentir falta em trabalhar na instituição, uma vez que apesar do sofrimento imposto, gostava do que lá realizava.

Zanelli (2010, p.23) afirma que o trabalho, “é o núcleo definidor do sentido da existência humana. Assim, toda a nossa vida é baseada no trabalho.” Sujeito 1 corrobora com a afirmativa do autor quando relata: “o trabalho é base de tudo, ele é a representação da minha satisfação e necessidade em agudar o outro, muito pouco eu penso no meu salário.” Zanelli (2010, p.24) traz a ideia de que a “satisfação no trabalho depende intrinsecamente do modo como se percebe as condições circunstantes e como se associam as suas expectativas.” Assim, a atividade que se desenvolve, deve ter um significado relacionado intimamente com os valores, as convicções, necessidades e desejos de cada sujeito.

Brito e et al. (2010) afirmam que pensar o significado do trabalho em saúde requer compreendê-lo em suas peculiaridades. Acredita-se que além das questões mais concretas, o trabalho em saúde é pautado pelo seu principal referente simbólico que se traduz no ato de cuidar da vida e do outro como alma da produção em saúde.

A fala do Sujeito 1 vem ao encontro da afirmação dos autores, quando coloca: “Às vezes eu ponho o meu jaleco e já me sinto trabalhando, é uma relação muito forte que eu tenho com o que eu faço.” Os sujeitos descreveram ainda, que muitas vezes se esquecem deles próprios, e voltam-se apenas para o cuidado do outro. Neste sentido, no caso do assédio moral, o significado do trabalho pode não ter se convertido em um sentido negativo, pois a necessidade pessoal no cuidado do outro foi de maior valia, e isto não permitiu significar o trabalho de forma negativa.

Frente ao exposto, acredita-se que apesar das condições impostas pelo assédio moral, o trabalho é significado pelos sujeitos de forma positiva. Além disso, verificou-se que ao significar o trabalho positivamente, os sujeitos puderam amenizar os efeitos destruidores do fenômeno e ainda tardar a sua percepção, pois se sentiam envolvidos ao trabalho de tal forma, que demoraram a perceber alguns fatores que estavam colaborando para a degradação do ambiente. Sendo assim, os sentidos positivos atribuídos, puderam favorecer o enfrentamento de circunstâncias degradantes no ambiente de trabalho, originadas pelo assédio moral.

Significação das relações interpessoais no ambiente de trabalho

Para Smith (1972) é somente como membro de um grupo que o trabalhador pode dar sua contribuição máxima para uma organização. Sujeito 1 confirma a afirmação de Smith ao descrever em relação as relações interpessoais no trabalho: “É à base de tudo, um ambiente onde você não consegue ter uma relação ou uma base de sustentação você não vai conseguir executar o trabalho.”

Levando-se em consideração a fala do Sujeito 1, o trabalho em grupo, e uma boa relação entre seus integrantes de extrema necessidade, pois é através de relações efetivas, que os trabalhadores poderão dar seu potencial máximo, ampliarem os seus conhecimentos, e todo o tempo promoverem transformações.

Além disso, segundo o Sujeito 2 é necessário que os sujeitos possam sentir que seus diferenciais são aceitos pelo grupo, tendo ainda papéis e responsabilidades com o mesmo. Neste sentido, verifica-se que a eficácia destas relações pode ainda promover uma maior



qualidade de vida no trabalho tanto coletiva quanto individual, e uma maior eficiência e produtividade de um grupo.

É importante também que se possa perceber como ocorrem os processos de comunicação nos grupos, por que através da forma como os integrantes do grupo interagem e se comunicam irá determinar a forma como o grupo funciona. Esta comunicação não deve ocorrer apenas entre os trabalhadores, mas, principalmente entre os superiores e seus subordinados. (SMITH, 1972).

Os sujeitos 1 e 2 apontaram que na instituição o trabalho em equipe é até eficiente, o problema é a administração, a comunicação entre os funcionários e superiores é quase que inalcançável. Portanto, verifica-se que há falhas no processo de comunicação acarretando em dificuldades na funcionalidade do grupo.

Nesta mesma concepção, o Sujeito 3 apontou como princípio fundamental nas relações interpessoais, a ética e o respeito, indiferente do nível hierárquico em que as pessoas encontram-se. Costa (2003) coloca que a dimensão ética inicia-se quando entra em cena o outro. Assim a ética adquire extrema importância, uma vez que, organizações que respeitam e valorizam devidamente seus funcionários proporcionam crescimento pessoal e profissional e ainda maior qualidade de vida do trabalhador e melhor produtividade no trabalho.

Considerações finais

Confirmou-se que o fenômeno assédio moral nas relações de trabalho é caracterizado por condutas frias e repetitivas que tem por objetivo, desqualificar, humilhar, constranger e abalar psicologicamente um indivíduo. Sendo, portanto algo que causa grande sofrimento psicológico na vítima.

Os sujeitos sentem-se desvalorizados, feridos e deprimidos de tal modo, que são relatadas vivências depressivas, graves alterações de humor, ansiedade generalizada, baixa autoestima e angústia constante. Acarretando por vezes, em um desinteresse com práticas e hábitos, no cuidado com a vida, com a saúde e com o próprio corpo. Além disso, percebe-se que a humilhação repetitiva e de longa duração causa não apenas danos há saúde psicológica da vítima como também influência de modo direto seu comportamento, suas relações afetivas e sua vida em sociedade, comprometendo sua identidade e dignidade.

Assim sendo, visualizou-se que o assédio moral possui um grande potencial para provocar prejuízos às vítimas que a ele são acometidas. É importante salientar que as condições de um tratamento digno no trabalho, são quase que inalcançáveis, uma vez que o fenômeno degrada o ambiente, o tornando desagradável, desumano, aéctico e agressivo. Fator que pode causar uma significação negativa do trabalho na vida dos trabalhadores.

Entretanto, verificou-se que apesar das condições desumanas impostas pelo assédio moral, o trabalho e as relações interpessoais foi significado pelos sujeitos de pesquisa de forma positiva. Estes fatores tardaram a percepção do fenômeno e ainda amenizaram seus efeitos na vida das vítimas.

Evidencia-se, portanto que o assédio moral no ambiente de trabalho pode causar danos multidimensionais na vida das vítimas. Neste sentido, outros estudos são necessários para que se possa entender e compreender o fenômeno de forma integral. Assim sugere-se a investigação em relação às consequências em âmbitos sociais, familiares e afetivos do sujeito. Conclui-se que é de extrema necessidade que a sociedade como um todo, crie consciência, contribuindo para que haja uma maior reflexão e discussão em relação ao fenômeno, contribuindo assim, para a criação de uma sociedade mais humanizada.

Referências

- BARRETO, Margarida M. S. Violência, Saúde, Trabalho: Uma jornada de humilhações. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2003.
- BERNAL, Ovejero Anastacio. Psicologia do Trabalho em um Mundo Globalizado: como enfrentar o Assédio Psicológico e o Estresse no Trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BRITO, Maria José Menezes et al. O significado do trabalho para profissionais de saúde mental. Rev. J Health Sci Inst. v. 28, n. 2. p. 165-8 2010.
- COSTA, Wellington Soares. Humanização, Relacionamento Interpessoal e Ética. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-21, jan./mar. 2004.
- FERREIRA, Hádassa Dolores Bonilh. Assédio Moral nas relações de trabalho. 2. ed. Campinas: Russell editores, 2010.
- HELOANI, Roberto. Assédio moral: um ensaio sobre a expropriação da dignidade no trabalho. RAE Eletrônica, v. 3, n. 1, jan./jun. 2004.
- HELOANI, Roberto. Violência Invisível. RAE Executivo, v. 2, n.3, ago./out. 2003.
- HIRIGOYEN, Márcie France. Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.
- HIRIGOYEN, Márcie France. Redefinindo o assédio moral. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b.
- JACOBY, Alessandra Rodrigues et al. Assédio moral: uma guerra invisível no contexto empresarial. Revista mal-estar e subjetividade, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 619-647, jun. 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Caminhos do pensamento: Epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- OSORIO, Luiz Carlos. Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SILVA, Ana Beatriz B. Mentis Perigosas: o psicopata mora ao lado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- SMITH, Henry Clay. Psicologia do comportamento na indústria. São Paulo: Atras, 1972.
- TROMBETTA, Taisa; ZANELLI, José Carlos. Características do assédio moral a alunos trabalhadores em seus locais de trabalho. 2005. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Elena Penna. Orientação para a aposentadoria nas organizações de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2010.